

JOSÉ KAMBUTA

Os atuais desafios da Igreja em África

Uma leitura e análise dos
20 anos da *Ecclesia in Africa*

UNIVERSIDADE CATÓLICA EDITORA

Índice

Agradecimentos	11
Siglas, Acrónimos e Abreviaturas	12
Prólogo	15
Apresentação	17
Introdução	21

CAPÍTULO I – Enquadramento histórico da *Ecclesia in Africa*

1.1. É preciso responder às inquietações do povo de Deus em África	28
1.2. Antecedentes sociopolíticos e económicos	30
1.2.1. A África e o conceito de «Terceiro Mundo»	40
1.2.2. A era do «renascimento» africano pós-independência	42
1.3. Antecedentes no âmbito eclesial	46
1.4. Um Sínodo que vem do Concílio	52
1.4.1. O Concílio Vaticano II	52
1.4.2. O Sínodo dos Bispos	53
1.4.3. Sua génese	54
1.5. «Uma Igreja missionária e de missão»: o início de uma nova etapa da Igreja em África	56
1.5.1. A missão evangelizadora em África à luz da <i>Ecclesia in Africa</i>	59
1.5.2. A responsabilidade eclesial africana da missão, consequência da maturidade da Igreja em África	64
1.5.3. A maturidade eclesial africana, pressuposto fundamental do Sínodo	69

CAPÍTULO 2 – Os grandes desafios da África na visão da *Ecclesia in Africa*

2.1. Como falar da «Boa Nova» num continente de «más novas»?	76
2.2. Uma «evangelização em profundidade»	78
2.2.1. A Família em África	80
2.2.2. O Evangelho no espaço sociopolítico	90

2.3. A inculturação da fé e a evangelização	91
2.3.1. Um olhar teológico	93
2.3.2. Os «campos da inculturação» no contexto da realidade cultural africana	98
2.3.3. Os desafios da inculturação no âmbito da missão evangelizadora da Igreja em África	101
2.4. «O desenvolvimento humano integral»	106
2.4.1. A formação cristã e humana	107
2.4.2. A SIDA	114
2.4.3. A dimensão da justiça e da paz	114
2.4.4. Superar as divisões, um caminho para a reconciliação	117
2.4.5. A questão do diálogo	119
2.4.6. A «voz dos sem voz»	122
2.4.7. «Os refugiados e os deslocados» em/da África	123
2.4.8. «A dívida internacional africana»	126
2.4.9. Os meios de comunicação social	127

CAPÍTULO 3 – 20 anos depois

3.1. Análise da situação atual	132
3.1.1. A <i>Africae Munus</i> de Bento XVI	136
3.1.2. Zonas de progressos	142
3.1.3. Zonas de preocupação	165

CAPÍTULO 4 – Que caminho(s) para a África?

4.1. Desde os anos 50 até à África contemporânea, vários caminhos, uma só meta: uma resenha histórica	185
4.2. Repensar a <i>Ecclesia in Africa</i> nestes primeiros decénios do Terceiro Milénio	190
4.2.1. Focalizar-se e aprofundar a localização das zonas prioritárias da evangelização em África	193
4.3. A voz profética da Igreja na missão evangelizadora em África	218
4.3.1. Um «profetismo do anúncio»	220
4.3.2. Um «profetismo da denúncia»	223
4.4. Uma breve nota sobre a Teologia Africana da Reconstrução	227
4.5. A Teologia Africana da Reconstrução: as vozes da Lusofonia	229

4.6. Na perspectiva da Teologia Africana da Reconstrução, um teólogo angolano: Muanamosi Matumona	232
4.6.1. Muanamosi Matumona	233
4.7. Uma Teologia «Oikológica»: uma proposta para um ponto de partida da Teologia Africana da Reconstrução	237
Conclusão Geral	241
Bibliografia	247

Índice de gráficos

Gráfico 1A – População e número de católicos em África em 1994 e 2007	144
Gráfico 1B – Percentagem de católicos face à população em África em 1994 e 2007	145
Gráfico 2A – Evolução do número de Dioceses e Arquidioceses entre 1994 e 2009	146
Gráfico 2B – Total de Dioceses e Arquidioceses criadas entre 1994 e 2009	146
Gráfico 3A – Sacerdotes diocesanos e religiosos em África em 1994 e 2007	147
Gráfico 3B – Número de bispos em África em 1994 e 2007	148
Gráfico 4A – Evolução da população e do número de católicos em África entre 2010 e 2014	149
Gráfico 4B – Evolução da população e do número de católicos em África entre 2010 e 2014 – %	150
Gráfico 5A – Evolução do número de sacerdotes diocesanos e religiosos em África entre 2010 e 2014	151
Gráfico 5B – Evolução do número de bispos em África entre 2010 e 2014	151
Gráfico 6 – Evolução das instituições de saúde em África entre 2010 e 2014	152
Gráfico 7 – Evolução do Índice de Desenvolvimento Humano entre 1990 e 2014	161
Gráfico 8 – Evolução da esperança de vida à nascença (em anos) entre 1990 e 2014	162
Gráfico 9 – Número de mortes (em cada 100 000 pessoas) devido a HIV e Malária em 2000 e em 2012	163
Gráfico 10 – Taxa de mortalidade infantil (por cada mil nascimentos) em 1990 e em 2013	164

Índice de tabelas

Tabela 1 – População e número de católicos em África em 1994 e 2007 em números absolutos e em percentagem	144
Tabela 2 – Evolução do número de Dioceses e Arquidioceses entre 1994 e 2009	145
Tabela 3 – Sacerdotes (diocesanos e religiosos) e bispos em 1994 e 2007	147
Tabela 4A – Evolução do número da população e de católicos em África entre 2010 e 2014	148
Tabela 4B – População e número de católicos em África entre 2010 e 2014 em números absolutos e em percentagem	149

Tabela 5 – Evolução do número de sacerdotes (diocesanos e religiosos) e bispos em África entre 2010 e 2014	150
Tabela 6 – Evolução do número das instituições eclesiais sanitárias em África entre 2010 e 2014	152
Tabela 7 – Evolução do Índice de Desenvolvimento Humano entre 1990 e 2014	160
Tabela 8 – Evolução da esperança de vida à nascença (em anos) entre 1995 e 2014	161
Tabela 9 – Número de mortes (em cada 100 000 pessoas) devido a HIV e Malária em 2000 e em 2012	162
Tabela 10 – Taxa de mortalidade infantil (por cada mil nascimentos) em 1990 e em 2013	163

Prólogo

A obra que agora publicamos é o texto integral da nossa Dissertação de Doutorado em Teologia (2.º grau canónico), apresentada em maio de 2017 à Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, aprovada pela mesa do júri com a classificação de *muito bom*. Animado e incentivado pelo meu orientador da Dissertação, o Professor Doutor Jacinto Farias, Professor Catedrático em Teologia, decidimos tornar público este trabalho de investigação.

O tema do trabalho está centrado no Sínodo dos Bispos de 1994, que teve lugar em Roma, resultando na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in Africa*, publicada por João Paulo II em setembro do ano seguinte ao Sínodo. Esta Exortação Apostólica constitui um precioso ponto de partida para todos os que, na África e no mundo, estão preocupados com os problemas do continente africano e com o seu povo.

A atual situação da África, na maioria dos seus países, manifesta sinais que tornam difícil estabelecer uma comparação entre a África colonial, a África pós-colonial e a África moderna. Entende-se aqui como África moderna, um continente que, saído do colonialismo, foi-se organizando e que agora se mostra como uma África com os Estados de direito, aspirante ou postulante da democracia ocidental. Tal dificuldade é fundamentada pela problemática da falta de mudanças significativas que o continente necessita face aos grandes desafios que enfrenta desde os tempos coloniais.

Este ambiente sombrio em que a África, no conjunto dos seus países, está imerso é evidenciado pela falta de paz, que se traduz na ausência do desenvolvimento concreto e sustentável dos países, no alcance da reconciliação e de um espírito de amor que torne os africanos irmãos uns dos outros, cooperando para o bem comum de toda a comunidade africana na marcha comum do mundo global. Está ainda traduzida na ausência muito grave do sentido patriótico dos membros de muitos governos nos Estados africanos. Estes e vários outros problemas fazem com que haja dificuldade de definir a África moderna, se se tiver em consideração a trajetória do continente desde as independências até aos nossos dias.

A Igreja é semente que germina no meio dos povos; é o sal que salga; é a luz que ilumina os corações; a sua missão é a evangelização. Se evangelizar significa levar a Boa Nova da salvação de Deus a todos os povos, e se isto significa

transformar os corações, ou seja, habilitar o homem e a mulher de todos os tempos e lugares a cultivar e caminhar na cultura do bem, pois o Evangelho é Boa Nova, então é importante e justo que a Igreja em África se interroge sobre o momento presente do continente. O que significaram os 500 anos de evangelização? Ao aumento do número dos cristãos em África, nestes 500 anos e à atividade missionária da Igreja correspondem os frutos espirituais de uma conversão sincera, madura e radical dos fiéis africanos para serem fermento da sociedade africana? Eis a questão!

Pe. José Kambuta

Apresentação

Uma das experiências mais marcantes na minha vida acadêmica e pastoral tem sido a possibilidade de já por oito vezes ter podido estar em África: cinco vezes em Moçambique, das quais duas a lecionar no Seminário S. Pio X, em Maputo, e três vezes nos Camarões, a orientar retiros aos postulantes, noviços e religiosos daquela Província dehoniana. A partir daí, do testemunho do entusiasmo com que as comunidades viviam e celebravam a fé – na alegria efusiva das liturgias que demoravam horas nas celebrações dominicais, como se o tempo ficasse suspenso e o espaço contraído –, o meu modo de ver e de sentir a Igreja se enriqueceu profundamente. Foi como se passasse a ver a realidade eclesial de outro ponto do mundo, sentindo-a com outros aromas e outros sabores. A visita ao Médio Oriente, ao Líbano e mais recentemente à América Latina – Brasil, Colômbia, Equador e o México – completou esta minha visão da realidade eclesial, cujo centro está em toda a parte e em parte nenhuma. É bem verdade o que diz a sabedoria popular alemã segundo a qual um homem verdadeiramente *experiente* é um homem *viajado*: *relativiza o secundário* e dá importância ao que é mesmo *essencial*! Não sei se foi por ter ido a África nestas enriquecedoras visitas que estudantes africanos me têm procurado para os acompanhar nas suas dissertações, com a preocupação de uma *incarnação e inculturação* da teologia em África.

Este acompanhamento acadêmico tem representado um enorme enriquecimento para mim, por me obrigar a sair de mim mesmo e das categorias em que me formei, para ir estudar a *teologia africana*, num procurar juntos os caminhos e as categorias teóricas para a sua concretização. Foi então que tomei conhecimento mais explícito do que o Papa Paulo VI disse em Kampala, no dia 31 de julho de 1969, na sua viagem que representou a primeira de um Papa a África: chegou a hora da maturidade, de a Igreja em África ser *missionária de si mesma*. «Ser missionária de si mesma» significava, na mensagem de Paulo VI, que a Igreja em África, tal como as mulheres nos ritos de iniciação, tinha chegado à idade da fecundidade própria de quem é chamada a ser mãe, a gerar novos filhos e a enviá-los para o mundo, mesmo para as comunidades do Velho

continente, envelhecidas e cansadas, para as fecundar e renovar com as cores e os sabores e os ritmos da *africanidade*! A *maturidade* da Igreja em África, dizia Paulo VI naquele célebre discurso, implicava a fidelidade ao depósito da fé, uma fidelidade *criativa*, de modo a ser possível, como ele dizia, *ser cristão e ser africano*!

A dissertação do Padre José Kambuta insere-se nesta linha de uma fé adulta na maturidade científica de quem procura compreender o que crê, que é seguramente o sentido da teologia. Debruçou-se sobre o estudo e a receção do documento pós-sinodal do sínodo dos Bispos sobre a Igreja em África, realizado em Roma de 10 de abril a 8 de maio de 1994. A Exortação Apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Africa*, de João Paulo II, publicada a 14 de setembro de 1995, é o primeiro documento oficial do Magistério da Igreja que se debruça sobre a Igreja em África, colhendo o que de melhor os bispos reunidos em sínodo consideraram importante tanto do ponto de vista da análise da situação da Igreja no continente africano, como das propostas para o futuro da pastoral e da evangelização como tarefa fundamental da Igreja em África. Mas a preocupação do Padre José Kambuta nesta sua dissertação não é apenas o estudo da Exortação Apostólica *Ecclesia in Africa* na sua génese e nos seus propósitos, mas, partindo daí, avançar no estudo da sua receção 20 anos depois da sua publicação, para verificar em que medida tanto a Exortação Apostólica, como a sua receção e mesmo o seu futuro – pois o processo de receção está ainda em curso – correspondem e realizam o voto de Paulo VI em Kampala: de uma Igreja adulta e fecunda, que é criativamente fiel ao depósito da fé comum, de modo a que todos possam sentir-se *em casa*, mas também da dinâmica evangelizadora de uma Igreja que é não só *missionária de si mesma*, independente a respeito das igrejas mães que a implantaram, mas missionária também para o mundo, mesmo para o Velho Continente cristão, envelhecido e cansado, carente e necessitado da alegria da juventude.

Sinto-me verdadeiramente feliz por ter contribuído para a formação desta nova geração de teólogos que em Angola vão seguramente contribuir para a renovação da Igreja, no seguimento das grandes linhas da renovação eclesial propostas pelo Concílio Vaticano II, de que a Exortação Apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Africa* ainda representa, mais de 20 anos depois, um contributo de referência para o discernimento e para a aplicação do voto de Paulo VI: de a Igreja em África ser simultaneamente *católica e africana*. O estudo notável do Padre José Kambuta representa um contributo valioso nesse sentido: para que a Igreja em África, na sua bela *negritude* seja sinal de esperança e sacramento de salvação para todos os povos, fermento de renovação e de esperança para

o homem do nosso tempo, não só em África, mas em todo o mundo, porque o futuro da Igreja, na sua catolicidade universal, passa também pela Igreja em África. Bem haja ao Pe. José Kambuta por este excelente trabalho, uma referência incontornável na galeria dos trabalhos em teologia africana de língua portuguesa!

Professor Doutor
Padre José Jacinto Ferreira de Farias, scj